

## DAS (DES) POSIÇÕES DE UMA PEDRA

Carolina Ferreira de Sá Moraes<sup>25</sup>

### RESUMO

Uma pedra que fala. Isso é apenas uma ficção? A partir de uma intervenção urbana intitulada “eu não sou vista” e de uma fala como pedra, esse artigo descreve in-visibilidades de discursos e in-visibilidades de existências. Tomamos aqui como referencial para nossas proposições, os trabalhos: *Rocky II*, de Edward Ruscha e *Projeto Desejo*, de Grada Kilomba, entre outros. E como referencial discursivo, as colocações de Gayatri Chakravorty Spivak, em *Pode o subalterno falar?* e de Carla Rodrigues, em *Coreografias do Feminino*, para construir e apresentar as (des)posições de uma pedra em deslocamento.

**Palavras-chave:** pedra, intervenção, gênero, ficção, in-visibilidade.

Escavando a superfície a procura de alguma afirmação da ausência - seja pelo viés da desconstrução (do entre), seja pelo viés da crítica a preceitos de cunho universalista -, duas forças maiores em forma de conceito/ação orbitaram meus pensamentos. Uma diz respeito a um estado de estar entre, viver entre, a uma ausência de identidade fixa. Outra diz respeito a associações e problematizações relacionadas à questão da mulher. O “(não) ser vista”. Duplamente: da ausência enquanto participação no mundo; do apagamento pela participação enquanto vista - objeto, paisagem.

Antes de continuar com minhas perambulações e escavações textuais gostaria de pontuar, brevemente, o que estou chamando de desconstrução, a partir da reflexão que Carla Rodrigues faz em “*O sonho dos incalculáveis: coreografias do feminino e do feminismo a partir de Jacques Derrida*”.

Citando Rodrigues (2008, p.16), recorro ao “desconstruir para que, no movimento da desconstrução, o que até então estava oculto apareça, aconteça, se revele...”. E, no mesmo viés, como se tratasse de uma estratégia de pensamento/ação – que “ao mesmo tempo propõe, instiga e desafia” –, tomo a desconstrução como um “*manter-se num movimento permanente de deslocar-se*” (RODRIGUES, 2008, p. 19). Esse movimento me faz, entre outras coisas, questionar preceitos da cultura ocidental, que acredito serem excludentes, patriarcais, coloniais.

Uma leitora, um dia, me indagou: *O que é isso? [a desconstrução]*. Baseada em pensamentos e questões que me deparei num rápido mergulho que fiz no pós-estruturalismo, comento aqui alguns pressupostos que foram importantes para eu começar a entender a

---

<sup>25</sup> Jornalista, Graduação em Comunicação Social pelo FIAM-FAAM

desconstrução, como por exemplo: neutralização das oposições binárias (nem isto nem aquilo, nem dentro nem fora, nem presença nem ausência e etc.); problematização dos estancamentos discursivos ligados à identidade; questionamento da ideia de linearidade, do progresso como ideal; negação como afirmação da potência.

O abandono, pelo menos a tentativa, desses espaços de pensamento - o binarismo e a fixação do ser - me permitiu iniciar uma proposição na qual posso praticar a valorização das ausências e de um não-lugar, como possibilidade de existência sem atribuição de valores teóricos ligados à essência ou à verdade.

Nesse desaterro, algumas palavras heterônimas apareceram: apagamento, esquecimento, (não) ser, branco, vazio, pedra. Das aparições e de tanto falar sobre pedra, virei pedra. E, andando assim por aí, me vi diversas vezes em (des) posições pelo interior do ocidente.

Mas pode uma pedra falar?

Conforme Jeanne Marie Gagnebin, apoiando-se na perspectiva benjaminiana da desagregação da tradição e do desaparecimento do sentido primordial, “não temos nenhuma mensagem definitiva para transmitir, [...] não existe mais uma totalidade de sentidos, mas somente trechos de histórias e de sonhos.” Nesse cenário, o que nos sobra, de passivo ou de ativo, são: “Fragmentos esparsos que falam do fim da identidade do sujeito e da univocidade da palavra, indubitavelmente uma ameaça de destruição, mas também — e ao mesmo tempo — esperança e possibilidade de novas significações” (GAGNEBIN apud DAWSEY, 2009, p. 360).

Apostando nessa “possibilidade de novas significações” apontada por Gagnebin passo a relatar fragmentos enunciativos de uma pedra em deslocamento.

Esta história começou alguns anos atrás, em Goiás. Eu queria fazer uma pesquisa sobre fenômenos milagreiros e diziam que por lá, pelo interior, havia uma pedra e que se alguns passos/ordens – algo parecido com objetivo, fé e desejo - fossem seguidos por um determinado espaço curto de tempo, realizava milagres, curava. Então embarquei na viagem. A pedra ficava no meio de uma plantação de *marmelada*, perto de uma comunidade quilombola, no município de Cidade Ocidental. A ideia era falar com pessoas que passassem pelo lugar ou que já tivessem estado por lá, tocado a pedra e recebido os benefícios da presença.

Porém, no cerrado ocidental não aconteceu nenhum milagre. Vi e toquei a tal e muitas outras pedras. Encontrei muitas embravecidas. Zuniam não compreender a forma de pensamento ocidental. Não entendiam a ideia de fronteira e pertencimento.

Pra elas somos todos alienígenas. O que seria uma pedra indígena? “O antônimo de ‘indígena’ é ‘alienígena’, ao passo que o antônimo de índio, no Brasil, é ‘branco’ [...] Pertencer à terra, em lugar de ser proprietário dela, é o que define [a pedra como] indígena” (CASTRO, 2016, p. 8 e p.14).

Voltei pra casa com aquelas pedras na cabeça. Nessa volta, fui me *empedrando*, percebendo e reconhecendo um estado *in-visível*. Um estado de apagamento da mulher que não é vista em suas posições discursivas e afetivas; ao mesmo tempo, vista como uma paisagem passiva. Incomodada, resolvi aparecer e distribuir/colar por alguns pontos da cidade - um banco do ponto de ônibus, uma lixeira da universidade, um telefone público (orelhão), uma janela do arquivo público - a frase *Eu não sou vista*.



Figura 1 - Intervenção “eu não sou vista”. frase colada no arquivo público. 2016



Figura 2 - Intervenção “eu não sou vista”. Frase colada no ponto de ônibus. 2016



Figura 3 - Intervenção “eu não sou vista”. Frase colada em lixeira. 2016

Depois de um lapso de tempo, fui ao cinema e me deparei com a pedra do filme *Rocky II*, um inusitado e misterioso trabalho do artista Edward Ruscha. No fim da década de 70, ele colocou uma pedra falsa na paisagem em algum lugar do Deserto de Mojave, na

Califórnia. O artista quando perguntado pelo paradeiro da pedra, se diverte, não oferece pistas, mas garante que está em Mojave. Até hoje estão em busca da tal pedra.

A pedra de Ruscha me fez pensar na ideia de ficção e relato, como aquela comentada por Viveiros de Castro, em “O Nativo Relativo”:

[...] porque o conceito nativo de ponto de vista não coincide com o conceito de ponto de vista do nativo; e porque meu ponto de vista não pode ser o do nativo, mas o de minha relação com o ponto de vista nativo. O que envolve uma dimensão essencial de ficção, pois se trata de pôr em ressonância interna dois pontos de vista completamente heterogêneos. [...] Ou seja, a ficção é antropológica, mas sua antropologia não é fictícia. (CASTRO, 2002, p. 123)

Tanto o filme de Ruscha quanto o texto de Viveiros de Castro propõem um desvio no “olhar” e apontam para uma imprecisão nos objetos e nos relatos – realidade da ficção – que não correspondem à busca de uma verdade factual. A falsa pedra, ainda pedra, e o “Nativo Relativo”, ainda nativo, são *falas* que parecem, de algum modo, se relacionar com a linguagem e o *instante ficcional* como relatos do provável (sem prova), a realidade do improvável.

Como uma pedra puxa a outra, logo depois encontrei as *Piedras precolombinas I, II y III*, um trabalho de Adolfo Bernal, em que o artista colombiano instruíra, em suas exposições, que recolhessem três pedras dos arredores de onde seriam expostas, pois segundo ele, “*todas las piedras de este territorio son precolombinas*”. Me interessa essa vulgaridade, essa irrelevância do que é raro ou daquilo que tenha uma origem extraordinária.

Cada vez mais pedra, visito o *Projeto Desejo*, da artista portuguesa Grada Kilomba. Uma instalação de vídeo composta apenas por palavras, sem imagem e sem voz, dividida em três atos - enquanto falo, enquanto escrevo, enquanto caminho - que destapa minhas ranhuras adormecidas.

Comentários e avisos parecem aprisionar-me numa velha ordem colonial. Inadvertidamente, dizem-me o que conta como a verdade, e em quem acreditar. Lembrando-me, de uma estranha dicotomia: Quando eles falam, é científico; quando nós falamos, é não científico. Quando eles falam, é imparcial; quando nós falamos, é parcial. Quando eles falam, é objetivo; quando nós falamos, é subjetivo. Quando eles falam é neutral; quando nós falamos, é pessoal. Quando eles falam, é racional; quando nós falamos, é emocional... (KILOMBA, transcrição fragmento de vídeo “Ato II – enquanto falo”).

A estrutura colonial violenta que exclui (apaga) todo o diferente simboliza também a posição e imposição do ser mulher. Do *ser* pedra.

Em outro momento, enquanto outras pedras discutiam sobre as possíveis contradições entre imagem e texto, tomada por pensamentos inanimados - “as pedras não falam, eu é que escuto” -, lembro da cabra que Buñuel jogou ribanceira abaixo em “Las Hurdes”. Ficção ou fato? As dúvidas e questionamentos em torno do filme são grandes, falam em encenação e manipulação.

Se o intuito de uma proposição artística é trazer uma determinada realidade, instaurar *um agora*, será que poderíamos considerar uma montagem, ela própria, como um procedimento capaz de sinalizar o que o próprio fato (realidade) não é capaz de *mostrar*? Será mesmo que quanto menos interferência, mais há de se dar conta do real? Ambos – ficção e “fato” - não são “realidades” contaminadas? E também, os dois, enquanto aparente experiência imediata, não são formas de ficção?

Enfatizo a questão sobre ficção e verdade: É preciso buscar arrimo na verdade, na *fidelidade*, na verossimilhança? Uma ficção pedra também não é pedra? Apelo a Michel Foucault (2011, p.20): “Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade [...] na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo senão o desejo e o poder?”.

Voltando às relações entre subalternidade colonial e subalternidade de gênero, abordadas no Projeto Desejo de Kilomba e também abordadas por mim na ação “eu não sou vista” e em outro projeto em andamento intitulado “As pedras falam”, me desloco uma vez mais e trago algumas das questões tratadas pela indiana Gayatri Chakravorty Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?*

Nesse livro, Spivak faz uma dura crítica ao fato de alguns intelectuais ocidentais ignorarem “a violência epistêmica do imperialismo quanto à divisão internacional do trabalho” (SPIVAK, 2014, p. 91) e, ao mesmo tempo, ela reconhece e discute seu próprio lugar nesse processo – o de quem teoriza. Para tal, aborda o termo “representação” distinguindo dois sentidos da palavra: um que se refere ao ato de assumir o lugar do outro, e o segundo, ao ato de *performar* e agenciar.

No prefácio do livro de Spivak, Sandra Regina Goulart Almeida sintetiza a reflexão da autora sobre o papel do intelectual em relação ao sujeito *subalterno*, dizendo que o primeiro não pode falar por esse último, mas que é preciso trabalhar “contra” a subalternidade e criar espaços em que o subalterno possa se articular e consequentemente, ser ouvido.

Volta e meia voltam a me perguntar sobre essa história de uma pedra falar, respondo com uma analogia que apanhei em um livro e amoldei assim: Ser surdo é ser privado de audição. Isto quer dizer que não ouve. Mas a pedra tampouco ouve. Não há nenhuma

diferença entre o surdo e a pedra, sob este ponto de vista: nem um e nem outro possui capacidade de ouvir sons. Então, dizer que o surdo é privado de escuta/fala é tão estúpido quanto dizer que a pedra é privada de escuta/fala. Os dois são *corpos* com suas condições (perspectivas) próprias - ouvem sem ouvidos e falam sem ter voz.

Uma pedra não é um destino. Uma pedra não é o outro, transformar-se em pedra é, ao mesmo tempo, colocar-se como pedra sem nunca sê-la. E, enquanto pensamento, que tudo pode, definitivamente, um agenciar do outro. Meu corpo-discursivo como espaço de alteridade.

(colocar uma pedra aqui ) Uma pedra sabão? Lisa, difícil de pegar; ou outra pedra qualquer. Em busca da pedra que faltava, me lembrei de uma pedra patrimônio, a portuguesa – aquela dos calçamentos. E, em uma conversa com uma pedra adjunta (OLIVEIRA, 2013), ouvi dela o seguinte comentário sobre as relações entre arte, cultura e poder:

A pedra portuguesa é um patrimônio. Manifestantes utilizam pedras portuguesas para contra atacar o patrimônio artístico, cultural e econômico (estatal e privado). Patrimônio versus patrimônio. Será que aqui as pedras tomaram posição? Outro dia vi também a estátua de um índio – com arco e flecha empunhados – colocada invertida: no lugar de proteger a entrada, como se fosse simbolicamente uma espécie de ‘cão de guarda’, o índio apontava para arquitetura jesuítica que hoje abriga a casa da democracia. E logo gritaram: ‘sem vandalismo!’. As pedras, como patrimônio que são, zumbiram igualmente: ‘sem vandalismo’. Também em coro, os manifestantes alvejados pelos ‘guardiões dos bens’, em pé de paridade com as portuguesas, clamaram em grande voz: ‘sem vandalismo’.

Nada mais terminar de ouvir as tomadas de posição de uma pedra insurgente, tropeço – na revista *Obstáculo* (que traz um número dedicado às pedras) – numa outra pedra. *A educação pela pedra* de João Cabral de Melo Neto:

Uma educação pela pedra: por lições; Para aprender da pedra, frequentá-la; Captar sua voz inenfática, impessoal (pela dicção ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria. Ao que flui e a fluir, a ser maleada; A de poética, sua carnadura concreta; A de economia, seu adensar-se compacta: Lições da pedra (de fora para dentro, Cartilha muda), para quem soletrá-la. Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro pra fora, e pré-didática). No Sertão a pedra não sabe lecionar, E se lecionasse, não ensinaria nada: Lá não se aprende a pedra: lá a pedra, Uma pedra de nascença, estranha a alma.

Então, a escolha (pseudo) (in) consciente de preferir hora sim hora não. Assim é ser pedra. Eu não sou vista. Eu sou pedra. Fui colocada aqui. Presentemente apagada; porque não sou vista. Novamente apagada; porque sou vista . Embaixo da pedra há outra pedra. Entre

essas duas pedras, há uma terceira – que quase não fala. Empedramento. Aparentemente não participar é minha posição. Lição de pedra (cartilha muda).

Digo aparentemente, pois quero acreditar nos movimentos das pedras, algo como o seguinte trecho sobre o trabalho/performance do artista catalão Joan Casellas:

A pedra, as pedras do mundo são coletoras de energia e arquivos de memória. As pedras nos parecem corpos imutáveis pela lentidão de seus processos em fazer-se e desfazer-se e por conservar as formas que damos a elas, como as esculturas, os edifícios, as calçadas. Poderíamos olhar para uma pedra como algo em movimento e permanente transformação? Poderíamos olhar para uma pedra como para um livro? Somos nós uma expressão volátil das pedras do mundo?

Nos encontros da fala – cotidianos ou não –, a pedra parece muda e sem vontade própria - é imitadora, copista, *copiosa*. Porém, não é uma *falta* de fala, é só um meio de falar por meio de outras pedras. Será isso um problema? E se em sendo pedra, só assim se comunica, inter-age? Tanto, que a partir de um tempo indefinido, nem pra frente nem pra trás, de pedra em pedra, as palavras poderão ser escritas e lidas e juntadas, pra quem sabe, então, coisa *nenhuma* acontecer.

Quando em (des) posição, quando o desconforto da ausência de identidade fixa toma conta e insisto mais uma vez na necessidade de me alocar em um meio determinado ou específico, encontro o seguinte trecho em Khôra: “[...] eu que me assemelho a eles, não tenho lugar: quanto a mim, de qualquer modo, sou semelhante a eles, não tenho lugar, mas, que se lhes assemelhe ou pareça, isso não significa que seja seu semelhante” (DERRIDA, 1995, p. 39).

Sem enigma a ser decifrado, sem direção fixa, sem fim, em que os rastros e os restos são algo a ser considerado, uma “caixa cega”. Nesse jogo, “troco o troco” e refaço-me pedra. De uma declaração de uma pedra em voo, extraída do livro de José Carlos Avellar, *ROCHA QUE VOA a memória em transe nota introdutória ao filme de Eryk Rocha*, tomo como minhas as palavras: “Vivemos um tempo de hipóteses, caminhos, não de teses. É preciso movimentar as sombras e repensar o poético-político” (AVELLAR, 2002, p. 17).

Sem demora, insisto mais uma vez na possibilidade de “Mudança ou *deslizamento* de um referente para outro” (PONGE, 2002, p. 187). De pedra, entre um e outro encontro, me *reloco*. É esse (não) lugar, essa desposição, que me interessa enquanto uma possibilidade de aparecimento.

## Referências



AUGÉ, Marc. **Por uma antropología de la movilidad**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

AVELLAR, José Carlos. **Rocha que voa**: a memória em transe nota introdutória ao filme de Eryk Rocha. Rio de Janeiro: Martim 21 Distribuidora, 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiros. **Os involuntários da pátria**. n-1 edições, 2016.

\_\_\_\_\_. “O Nativo Relativo”. Em **MANA** vol.8 Rio de Janeiro, 2002.

DAWSEY, John C. “Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático”. Em: Revista **MANA** vol.15 no.2 Rio de Janeiro, Oct. 2009.

\_\_\_\_\_. “Victor Turner e a antropologia da experiência”. Em: **Revista Cadernos de Campo** n. 13, PPGAS/USP, São Paulo, 2005.

DELEUZE, Gilles. **En medio de Spinoza**, trad. Coletiva, 2ª ed. Buenos Aires: Cactus, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Khôra**. Campinas: Papirus, 1995.

LANGDON, Ester Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral. Em: **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 5. n. 12, dez. 1999.

PONGE, Francis. **A mesa**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

RODRIGUES, Carla. **O sonho dos incalculáveis**: coreografias do feminino e do feminismo a partir de Jacques Derrida. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

OLIVEIRA, Silfarlem; LOPES, Diego. “Poéticas da destruição: narrativas entre arte, cultura e poder”. In: CIRILLO, Jose et al (org). **Artistas, autoria e as práticas colaborativas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

VALÉRY, Paul. **Monsieur Teste**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

ZYLBERSZTAIN, Pedro. **Revista obstáculo** nº1. Pedras: dezembro de 2014.